



Escritos de Colatina, vol 2

Um dia inesquecível em Colatina

Um dia Inesquecível em Colatina

Ficha catalográfica

Um Dia Inesquecível em Colatina / Academia de Letras e Artes de Colatina (org.). - Colatina/ES: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (PMC): 2022.

220p.; 21 cm. - (Escritos de Colatina, 02).

ISBN: XXXXXXXX

1. Um Dia Inesquecível em Colatina - Crônicas, poesias, ensaios, contos - Colatina (ES). 2. Literatura brasileira - Colatina (ES). I. Colatina (ES). Secretaria Municipal de Cultura. II. Academia de Letras e Artes de Colatina. III. Série.

CDD B869.852

A QUEDA

RAMON LINHALIS GUIMARÃES

Graduado em Direito pela UFES, pós-graduado em Comunicação Jurídica pelo CERS. Graduando em Letras pelo IFES. Atualmente ocupa cargo público no Ministério Público de Contas (MPC/ES). Pai do pequeno Dom e marido da senhora Caroline Linhalis.

Desenhava-se um entardecer lindo e bucólico, com um pôr do sol alaranjado, típico da primavera de Colatina. Parecia a oportunidade perfeita para a realização de exercícios físicos ao ar livre. Quando se olhava no horizonte, via-se um espetáculo de luz e cores, com destaque para cada contorno da paisagem. Diante dessa dádiva da Mãe Natureza, tomei coragem: calcei meu tênis; coloquei minha roupa; configurei meus acessórios eletrônicos e, entorpecido pela música de “2Pac”, que me alienava de tudo ao meu redor, fui correr no calçadão da Avenida Beira-Rio, em busca de algo que eu nem sei dizer.

Chegando à primeira metade do caminho, desenhou-se um incidente que eu não pude ignorar – ao menos depois de me autoconsumir, eu não pude ignorar. Exatamente embaixo da ponte Florentino Avidos, um jovem negro se aproximou cambaleante

pela ciclovia. Parecia debilitado, enfraquecido, mas nem sequer ousou pedir ajuda. No momento em que nos cruzamos, como um equipamento programado para desligar a determinado sinal, ele perdeu suas forças e caiu, simplesmente caiu; seu corpo estirado passou a cruzar as duas faixas, limitando o trânsito de bicicletas.

Ao ver aquilo de relance, permaneci inexorável e, frio como o metal, continuei correndo, ignorando a gravidade da situação, que parecia me convocar à ação. Meus passos seguintes foram deploráveis, eu sei - nem precisa dizer -, eu senti na pele o efeito da minha omissão, porém a vergonha interior não me impediu de continuar a fugir daquilo.

Lembrei-me, automaticamente, de George Perry Floyd e Genivaldo de Jesus Santos, dois negros inocentes que, em público, rodeados por cidadãos, inutilmente suplicaram por ajuda antes de serem asfixiados por policiais. Isso apenas fez aumentar minha dor interior; mas nada me fazia voltar, faltava-me o ar da decência.

Além disso, rememorei a crônica Cadáver no Salão, escrita por Júlio Pompeu; entretanto, continuei correndo, esquivando-me, com a visão “antolhada”, tal qual o freguês (personagem da história) que, durante o café da manhã, não se constrangeu com a presença do cadáver de um pedinte estendido no chão da padaria.

Inflexível, cumpri o percurso de ida, mas... agora eu precisava retornar à minha casa e, para isso, estava destinado ao mesmo caminho de volta, estava fadado a passar pelo local em que ocorrera a queda. É claro que eu poderia utilizar outro trajeto, no entanto não me sentia apto a tamanha covardia.

Quando virei meu corpo branco no sentido do poente, desejei que alguém, diferentemente de mim, já houvesse exibido decência e ajudado aquele ser humano, ou que, por um motivo qualquer, o corpo não estivesse mais ali.

Durante a volta, continuei remoendo aquela situação e defini, mentalmente, que, se aquele corpo negro ainda se encontrasse na ciclovia, atravessado, eu socorreria, eu assumiria a responsabilidade que pouco antes me fora outorgada.

Chegando perto da Estação Rodoviária Alderico Tedoldi, a uns trinta metros de distância do sucedido, foi possível enxergar o rapaz estirado no chão, ainda imóvel, ainda abandonado, ainda desamparado, ainda desassistido, ainda desvalido, ainda esquecido, feito um saco de lixo. As pessoas que transitavam pelo local, do mesmo modo como eu fizera, apenas olhavam e passavam, mais com curiosidade do que com compaixão. Deveras, ninguém ousava parar e ajudar. Os ciclistas, por seu lado, desviavam como se existisse um tronco, um empecilho no meio do caminho, com indignação. Alguns mais imprudentes se arriscavam a passar no pequeno espaço existente entre a cabeça do sujeito e o meio-fio. Era como se aquele inconveniente obstáculo precisasse ser removido para possibilitar o fluxo. Manter o tráfego de bicicletas parecia ser mais importante que a vida.

Por um momento, não foi possível enxergar humanidade, tudo parecia sombrio.

Chegando ao local, confesso que ainda hesitei, andando adiante uns dez metros, mas a luta que se estabelecera internamente em mim foi tão grande que não aguentei; para minha felicidade, meu lado humano venceu.

Eu o vi caindo; minha humanidade também caiu com ele; não poderia o deixar caído. Então, com sobriedade recobrada, saquei o telefone e liguei para o 192 (SAMU).

Após alguns minutos com a chamada em espera, uma médica me atendeu. Ela solicitou detalhes do ocorrido. Logo em seguida, o socorro chegou.

O surgimento da equipe de socorristas alvoroçou a curiosidade dos transeuntes e, tal como abutres sobre a carcaça, formou-se um círculo de indagadores desejando um pedaço de informação. De forma diligente, o jovem negro foi imobilizado e levado ao hospital. A multidão de espectadores se dispersou.

Quando tudo acabou, já era noite, estava escuro, não havia espetáculo algum na terra ou no céu; contudo, dentro de mim, o mundo ardia e faiscava luz.